

## **A ESCUTA NA ATENÇÃO FLUTUANTE**

Elisia Aparecida Lima Fernandes; Marcel Henrique Bertonzzin; e-mail:  
eliaplinafernandes@gmail.com

### **1 INTRODUÇÃO**

“Nenhum mortal pode guardar um segredo. Se sua boca permanece em silêncio, falarão as pontas de seus dedos”...S. Freud (Correa, 2021), caso Dora.

Quando dizemos associar livremente na análise, significa acompanhar os pensamentos involuntários que surgem e reter o caráter de ideias destes, permanecendo sem expectativas nem inclinações pessoais durante o tratamento. A partir de leituras, trabalhos e estágios, evidenciou-se essa dificuldade encontrada nos estagiários da clínica psicanalítica e também terapeutas, pois pouco se encontra sobre o tema específico “Atenção Flutuante”. A associação livre, a escuta analítica e atenção flutuante se confundem em algum momento nas pesquisas e não é assim que funciona. Pretende-se atualizar os respectivos interessados sobre o tema “atenção flutuante”, busca-se entender esse espaço entre o paciente e o terapeuta e a confiabilidade existente nessa escuta flutuante entre inconscientes especificamente.

A importância da escuta na psicanálise vai se evidenciando na medida em que percorremos os textos freudianos. As recomendações da técnica, assim como os desenvolvimentos teóricos, apontam sempre para a preocupação de Freud de que a psicanálise não perca o que a diferenciava das demais possibilidades terapêuticas: o valor dado ao autoconhecimento e à liberdade pessoal.

De acordo com Salman Akhtar (2020, p. 15) em sua obra Escuta Psicanalítica, cabe ao analista escutar da mesma forma que o paciente deve falar, ele diz “Coloco o silêncio no mesmo patamar da fala, enfatizando que ambos têm a habilidade de servir a objetivos similares. Ambos podem ocultar e expressar conteúdos psíquicos”.

Das 4 regras técnicas legadas por Freud: associação livre (a regra fundamental), a regra da atenção flutuante, a regra da abstinência e a regra da neutralidade, será elencada nesta pesquisa as duas primeiras, por entender que uma é contrapartida da outra durante uma sessão. Assim, busca-se entender melhor esse espaço entre o paciente e o terapeuta e a confiabilidade existente nessa escuta flutuante

entre inconscientes, conquanto Freud fez a recomendação técnica de que o psicanalista deveria “cegar-se artificialmente para poder ver melhor” e trabalhar num estado de “atenção flutuante”.

Embora tenha sido muito falado sobre esse tema, por ser central à prática da psicanálise, merece uma revisão atualizada sobre seus desenvolvimentos para que estudantes e psicólogos da abordagem psicanalítica, estejam atualizados acerca de sua principal ferramenta de trabalho.

## **2 MÉTODO**

A pesquisa bibliográfica é primordial na construção da pesquisa científica, uma vez que nos permite conhecer melhor o fenômeno em estudo. Os instrumentos que serão utilizados na realização da pesquisa serão: livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados. A partir do método científico indutivo, espera-se trazer a aprendizagem para um lugar mais tangível, é sempre importante lembrar que suas conclusões não são absolutas; afinal, todo o seu pensamento é baseado nas variáveis disponíveis, que nem sempre são a totalidade do que está sendo estudado, mas se objetiva a ampliar o alcance dos conhecimentos encontrados através da pesquisa. Ao ler as publicações, já se pretende definir quais trabalhos devem ser incluídos nas análises e quais se deve desconsiderar, por não contemplar os objetivos.

A busca bibliográfica da teoria psicanalítica, se deu de janeiro a junho de 2024, nas bases de dados “SciELO”, “Google Acadêmico” e “Pepsic”. Durante o processo de pesquisa, foram feitas uma lista de possíveis descritores que conduzisse uma busca preliminar para verificar se essas palavras seriam adequadas para a busca inicial. Foram utilizadas numa primeira busca (sempre alternando) os descritores: inconsciente, terapeuta, escuta analítica, atenção flutuante, psicanálise, onde apareceram poucos materiais sobre a “atenção flutuante”. Foi separado o material entre artigos, livros e publicações. Os descritores precisaram ser alterados até que os resultados da busca obtivessem resultados mais concretos para a pesquisa contemplando os objetivos e escopo. Em seguida, foram definidos os descritores definitivos (escuta analítica, atenção flutuante, psicanálise), as bases de dados e sites de busca que haveria consulta. A

coleta de dados seguiu a seguinte premissa: leitura exploratória; leitura seletiva; registro de informações extraídas das fontes em instrumento específico.

**Tabela 1: Bases de dados online consultadas para levantamento de literatura, palavras-chave utilizadas, quantidade de artigos encontrados e quantidade de artigos selecionados para o trabalho.**

| Bases de dados consultados | Palavras-Chave                                   | Nº de artigos encontrados | Nº de artigos selecionados |
|----------------------------|--------------------------------------------------|---------------------------|----------------------------|
| Scielo                     | Atenção flutuante                                | 08                        | 02                         |
| Google Acadêmico           | Associação livre, escuta analítica               | 35                        | 07                         |
| Pepsic                     | Atenção flutuante, Psicanálise, Associação livre | 17                        | 03                         |
| Total                      |                                                  | 58                        | 12                         |

Fonte: autoria própria

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor entendimento dos resultados e discussão obtidos por essa pesquisa de Revisão Bibliográfica, cabe aqui uma retomada sobre qual questão e objetivos, tem finalidade este estudo. A literatura científica sobre o tema “Atenção Flutuante” parece vasta quando aparece como citação em materiais escritos e falados, mas é bem antigo os materiais, principalmente se falando de Sigmund Freud, falando de sua importância; mesmo assim buscou-se uma revisão atualizada e talvez alguma nova teoria.

Marion Minerbo (2014), num texto fluido e profundo de informações, faz entender que a escuta analítica, em que a teoria está contida, precisa ser formada como também aperfeiçoada constantemente. Pois o paciente apresenta-se por meio de uma multiplicidade de identificações dotadas de singularidade que precisamos ser capazes de reconhecer em seu discurso. “Às vezes quem está falando com o analista é um aspecto da criança-no-adulto. Outras vezes, quem fala pela boca do paciente é um aspecto da figura parental, com o qual o paciente está identificado” (p. 217).

Freud, em seus ensinamentos, introduziu o conceito de “atenção flutuante”, que orienta o analista a manter uma escuta despreocupada e desprovida de preconceitos. Como ele menciona em “Recomendações aos Médicos que praticam a Psicanálise” (1912, p. 125), é essencial que a atenção seja “uniformemente suspensa” diante de tudo que se escuta. Ao optar por não intervir verbalmente, o analista pode criar um espaço no qual o analisado se vê impelido a preencher com seus próprios conteúdos, desejos e projeções.

Visto que foram criadas a partir das experiências clínicas de Freud, com a coleta de dados e leitura do material referenciado, levanta-se algumas questões importantes sobre as práticas dentro desse espaço nomeado de atenção flutuante:

- A suspensão de julgamentos, onde o analista deve suspender qualquer tipo de julgamento em relação ao paciente, suas experiências ou narrativas, isso permite um espaço livre de críticas;
- Também se encontra na literatura sobre a escuta plena, ou seja, o analista deve direcionar uma atenção completa e concentrada ao paciente, ouvindo atentamente todas as palavras, silêncios, pausas e expressões faciais, essa escuta permite a captação de detalhes significativos e sutis;
- Ausência de direcionamentos do analista, este não deve direcionar a fala do paciente ou influenciar suas associações de ideias, em vez disso, deve permitir que o fluxo de pensamentos seja livre e espontâneo, sem interrupções ou interferências;
- E finalizando temos a observação de contradições, onde a atenção flutuante permite ao analista observar contradições, lapsos de linguagem ou associações inesperadas que podem indicar conflitos ou aspectos inconscientes em jogo.

De acordo com Silva (2016), o trabalho psicanalítico, realizado em conjunto por analisando e analista, é sempre único e particular. Cada atendimento se cria e se transforma a seu modo, em função, principalmente, do encontro entre aqueles dois indivíduos, entre inconscientes. Isso se dá exatamente pela particularidade da situação, afinal nossa vida mental cotidiana se faz conhecida através do conteúdo consciente, sabendo-se que não existe apenas um nível dentro dessa consciência.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Atenção Flutuante, portanto, capacita-nos a uma melhor (e mais verdadeira) compreensão daquilo que nos é comunicado. É o canal pelo qual as diferentes línguas dos indivíduos podem conversar abertamente, desmascarando o superficial e objetivo e revelando os pontos nevralgicos da problemática humana.

Pensando nos benefícios percebidos com a utilização da Atenção Flutuante em um processo de mediação, vemos a possibilidade de obter uma maior e mais ampla compreensão do caso, uma vez que o interesse e a necessidade latentes, tanto das partes como do próprio mediador, ficam mais expostas e clareadas no decorrer das

sessões. Muito importante saber que jamais o terapeuta deve colocar o discurso numa sequência lógica.

Outra característica positiva trazida pela Atenção Flutuante é a instauração nas sessões, de uma fortificada relação de confiança entre terapeuta e paciente; as partes se sentem verdadeiramente ouvidas e respeitadas, criando, naturalmente, um ambiente mais produtivo e cooperativo. Quanto mais o terapeuta sustentar sua escuta, aceitando acolher esse vazio de sentido, abstendo-se de entender, mais a fala terá o ritmo e os percursos dos desejos de quem associa livremente.

## REFERÊNCIAS

AKTHAR, S. Escuta psicanalítica: métodos, limites e inovações / Salman Akhtar; tradução de Giovanna D. G. da Silva. – São Paulo: Blucher, 2016. 288p.

CORREA, H. C. S. Considerações Sobre Feminino e Transferência: Do Caso Dora ao Não-todo Fálico. Rev. Subj. Fortaleza, v. 21, n. 2, p. 1-10, ago. 2021. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692021000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692021000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 05 abr. 2024. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i2.e10248>.

FIGUEIREDO, L. C.. Escutas em análise I Escutas poéticas. Rev. bras. psicanálise, São Paulo , v. 48, n. 1, p. 123-137, abr. 2014. . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2014000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2014000100012&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 05 abr. 2024.

Freud, S. (2006). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XII). Imago (Trabalho original publicado em 1912)

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MINERBO, M. (2014). Pensamento clínico: diálogo com um jovem colega. Jornal de Psicanálise, 47 (87), 215-230.

SILVA, Mariangela Carvalho Canellas. Formando uma escuta analítica. J. psicanal. [online]. 2016, vol.49, n.91, pp.145-155. ISSN 0103-5835.